

DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Ana Clara Dolabella¹, Anna Júlia Moreira², Ariadne Resende³, Bárbara Martins⁴,
Nathália Rabelo⁵

Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Engenharia Química

¹ anacadolabella@gmail.com ² ailujdourado@gmail.com ³ ariadnesilvadahaer@yahoo.com.br
⁴barbaraugusta.m@gmail.com ⁵ nathaliasilvarabelo@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar os desafios enfrentados pelos estudantes universitários do Ensino Remoto Emergencial (ERE), isto é, o ensino online ajustado às limitações das medidas de isolamento social, e seus impactos sobre a aprendizagem. O ERE foi adotado por diversas universidades para que as aulas não fossem interrompidas durante a pandemia de coronavírus, nesse sentido, é o objeto desta pesquisa. Para tanto, busca-se analisar as práticas utilizadas pela universidade para promoção de uma educação de qualidade e acessibilidade das aulas; bem como avaliar os impactos de tal ensino na saúde mental dos alunos.

Palavras-chave: Ensino remoto emergencial, desafios, saúde mental, acessibilidade, tecnologia, educação de qualidade.

1. Introdução

A pandemia do coronavírus, além da adaptação aos novos protocolos de saúde, trouxe a necessidade de mudança em todos os setores da sociedade. Na esfera escolar, especialmente no ensino superior de universidades públicas, pôde-se notar uma indefinição nas datas de reabertura das instituições e retomada das aulas. Com isso, medidas foram necessárias para garantir que o calendário não sofresse grande atraso, nem que os discentes fossem prejudicados educacionalmente.

Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), houve a suspensão imediata das atividades acadêmicas presenciais em março de 2020. No entanto, com base nas evidências científicas disponíveis, tal universidade optou por realizar a retomada de atividades através do “*Ensino Emergencial Remoto*”, o ERE. Em comunicado, a reitora Sandra Goulart explicou o plano desenvolvido por meio da Resolução CG 03/202, pela Comissão de Acompanhamento do Conselho Universitário em associação ao Comitê Permanente de Acompanhamento das Ações de Prevenção e Enfrentamento do Novo Coronavírus da UFMG. Esse plano se baseou



em quatro fases, cada uma com a descrição das atividades autorizadas, bem como com os possíveis prazos e a metodologia para tal ajuste e adequação da oferta educacional.

Para garantir o retorno inicial das aulas, ocorrido em julho de 2020, uma série de recomendações e informações foram disponibilizadas, seguindo as normas do *Plano de Retomada*. Segundo o Ofício Nº 67/2020/PRPG-GAB-UFMG, os professores de todos os cursos de graduação foram instruídos a aplicar atividades assíncronas de forma variada (provas orais ou escritas, fóruns, tarefas, estudos dirigidos, wikis e outros), buscando favorecer interações individuais e coletivas. Ademais, o planejamento da disciplina deveria considerar que o aluno possa realizar todas as atividades (encontro síncrono, leituras, provas, videoaulas, resenhas, estudo dirigido, etc) no tempo semanal fixo. Outro ponto indicado pelo documento foi o uso do ambiente virtual de aprendizagem, suportado pelo Microsoft Teams, numa perspectiva inclusiva e com a adaptação das atividades e recursos didáticos para os estudos. Tal diretriz, ainda, destacou fortemente que as ações pedagógicas deveriam ser condizentes com as condições de estudos e de acessibilidade dos alunos no contexto de pandemia, exigindo flexibilidade de tempo, equilíbrio e boa distribuição das atividades síncronas e assíncronas.

Quanto à saúde mental associada ao período, a UFMG, através da Comissão Permanente de Saúde Mental e da Rede de Saúde Mental, mostrou-se preocupada com o cenário do JERE e da pandemia, sendo estes entendidos como gatilhos para o estresse e a ansiedade. Devido a isso, a universidade destacou fortemente a necessidade de cuidar da saúde do corpo e da mente, mobilizando-se na produção de conteúdos e, também, oferecendo diferentes modalidades de acolhimento para toda a comunidade, de acordo com o programa “#NósUFMG”.

2. Dos fatos

Com o objetivo de dar prosseguimento ao ano letivo e mitigar os prejuízos causados, iniciou-se o ERE. Todavia, esse ensino a distância apresenta muitos desafios, como promover acessibilidade a todos os estudantes, visto que, para acompanhá-lo, são necessários dispositivos eletrônicos e acesso à internet, proporcionar educação adaptada sem a perda de qualidade, e considerações sobre os impactos na saúde mental dos estudantes e professores.



Isto pois, é importante analisar o efeito do cenário exposto na saúde mental de tais sujeitos, pois eles tiveram que lidar não somente com os problemas relacionados diretamente ao coronavírus, como as práticas do isolamento social e o elevado número de infectados e mortos – mas, também, com a nova rotina imposta pelo ensino adotado. Este exige organização, comprometimento e produtividade para o acompanhamento das aulas e realização de trabalhos e provas, tal qual para o planejamento de tais atividades.

Nesse sentido, fato é que muitos discentes não possuem suporte físico, familiar e emocional para lidar com tal situação, o que pode desencadear inúmeras dificuldades de adaptação e estados emocionais desfavoráveis. De acordo com Maia e Dias (2020), poucos estudos buscaram explorar os impactos da Covid-19 e da quarentena sobre a saúde mental de estudantes universitários, principalmente no que se refere aos níveis de depressão, ansiedade e estresse.

Outro ponto a se analisar, segundo Silva *et al.* (2020), são as questões de acessibilidade às ferramentas necessárias para o ERE, uma vez que essa modalidade faz uso, quase sempre, de plataformas on-line, pelas quais as aulas ocorrem tanto sincronamente quanto assincronamente, sendo os materiais, exercícios e avaliações postados e aplicativos e ferramentas, normalmente, disponíveis nos computadores das universidades (inacessíveis, no momento). Assim, os problemas de acesso se caracterizam, principalmente, pela falta de preparo (estrutural, operacional e econômico) dos discentes e pais.

O Ensino a Distância (EaD) ainda é recente no Brasil, apenas em 2006 foi lançado o maior programa de formação superior a distância, com a Universidade Aberta do Brasil, de forma que existem muitas dúvidas com relação a sua qualidade. Originalmente, a educação a distância no ensino superior é uma modalidade destinada às Instituições de Ensino Superior (IES) privadas. Porém, com a pandemia, foram usados os atributos do Decreto nº 9057 de 25 de maio de 2017 para que essa modalidade pudesse ser ofertada emergencialmente, originando o ERE. Dessa maneira, a interrupção abrupta das aulas presenciais fez com que as instituições tomassem decisões rápidas e, por isso, não fosse possível realizar etapas fundamentais para que as iniciativas do ERE fossem bem sucedidas e de qualidade para todos. (SILVEIRA; PICCIRILLI; OLIVEIRA., 2020).

3. Análise e Interpretação dos Dados

O artigo de Maia e Dias (2020) objetivou analisar os níveis de ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários portugueses usando duas amostras distintas: uma recolhida entre os anos de 2018 e 2019 e outra após o início da pandemia, em 2020. Essas amostras foram coletadas presencialmente e de forma online, a partir de um estudo sociodemográfico e do questionário “*Escalas de Ansiedade, Depressão e Stress*”. Os resultados obtidos pelos pesquisadores confirmam o aumento considerável de perturbações psicológicas nos estudantes universitários na pandemia, em comparação a períodos normais.

Os autores afirmam que os resultados estão em concordância com outros estudos internacionais que analisaram o efeito psicológico da Covid-19 e de outras pandemias. Apesar disso, enfatizam que tais alterações psicológicas não se devem exclusivamente à pandemia, mas, também, a forma com que o indivíduo é capaz de lidar com a situação, sua personalidade e o apoio social recebido. Assim, sugerem que ela provoca efeitos na saúde mental dos estudantes e destacam, também, a necessidade de se detalhar mecanismos e reações subjacentes e que, caso se perceba que tais efeitos podem se prolongar ao longo do tempo, estratégias de prevenção ou remediação devem ser traçadas.

No contexto de acessibilidade, Silva *et al.* (2020) realizam uma pesquisa de estudo de caso qualitativo, através de questionários online. Esta contou com respostas de discentes de diferentes níveis de ensino, sendo que os pesquisadores constataram que 18% dos discentes não possuem acesso à internet em casa e 25,4% apontaram o alto preço do serviço como motivo.

Obteve-se, também, dados que apontam que a maioria dos discentes utiliza *notebook* e *smartphone* para os estudos, mas, em contrapartida, uma boa parcela utiliza somente o *smartphone*, que contém maiores limitações para o ensino, como o acesso a alguns aplicativos e funções. Em relação às dificuldades, 63% dos discentes apontaram a dispersão de atenção e a dificuldade de concentração como os maiores empecilhos, atrelados à falta de espaço conveniente para os estudos.

Quanto à aprendizagem, 46,5% das respostas demonstram insatisfação e 24,3%, satisfação. A taxa de insatisfação, segundo Silva *et al.* (2020), pode estar relacionada ao pouco costume dos discentes com as ferramentas, à falta de acesso



ou ao acesso precário. Assim, os autores reforçam a necessidade de um melhor planejamento do ERE, visando aumentar a igualdade de acesso entre os discentes.

Abordando um outro aspecto, o artigo de Silveira, Piccirilli e Oliveira demonstra que diversos desafios afetam a qualidade da educação oferecida para o ensino superior durante o ERE. Os efeitos na saúde mental, a falta de acessibilidade, a perda do contato aluno-professor e a adaptação tanto das aulas quanto dos professores às tecnologias. Com relação à saúde mental, ocorreram mudanças rápidas, como o alto nível de cobrança, as frustrações diárias e dificuldades técnicas que comprometem o psicológico dos estudantes (desenvolvem ansiedade e estresse), que conseqüentemente, influem na qualidade do aprendizado. Já sobre a acessibilidade, muitos jovens não têm acesso à educação, pois não possuem as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) disponíveis. Sendo assim, as diferenças sociais ocasionaram um abismo entre um EaD de qualidade e a efetivação do ensino.

Além disso, sabe-se que o aprendizado não é apenas a transmissão de conhecimentos. Este processo também envolve as conexões criadas entre aluno e professor, tal qual a interação desses com o ambiente de aprendizado. Assim, a perda do contato aluno-professor ocasiona uma perda de qualidade do ensino, já que esse novo método requer maturidade, envolvimento e uma nova dinâmica de estudos mais independente, que os alunos não estão acostumados. Por fim, como o coronavírus interrompeu abruptamente as aulas presenciais, não existiu um período de adaptação, preparo nem das aulas e/ou dos professores para as novas ferramentas. Dessa forma, como o ERE pressupõe uma linguagem particular, não habitual aos professores, entende-se que não foi ofertada uma educação de qualidade como no sistema presencial.

4. Conclusão

Diante do exposto, procurou-se destacar os desafios encontrados pelos estudantes durante o ERE, focando na saúde mental, na acessibilidade e na educação de qualidade. Nesse sentido, a falta de preparação prévia para o novo modelo de ensino, de maneira intensificada, acabou gerando estranheza a todos e, conseqüentemente, alguns desafios.

De maneira geral, os alunos do ensino superior lidaram com ansiedade, estresse, falta de acesso às tecnologias e/ou à internet, ausência de contato com os



professores, dificuldade de adaptação com as aulas online, entre outros. Para que esses desafios sejam superados, é necessário que aconteça a institucionalização tanto do EaD quanto do ERE, pois a ausência de reguladores legais dificulta as compreensões acerca dessas modalidades de ensino. As instituições precisam oferecer, nesse sentido, “modelos pedagógicos e materiais educacionais, as tecnologias empregadas, a gestão de polos presenciais, os recursos humanos e financeiros, entre outros”, segundo Silveira, Piccirilli e Oliveira (2020).

Dessa forma, com investimentos em equipamentos de tecnologias, desenvolvimento de programas e aplicativos, na capacitação dos professores, no fornecimento de TDICs a todos e em estratégias de prevenção/remediação dos efeitos gerados na saúde mental dos alunos, é possível superar esses desafios do ERE. Ademais, com a institucionalização do EaD, no Brasil, um ERE sustentável à saúde mental, acessível e de qualidade será garantido.

Referências

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; MOREIRA, Alessandro Fernandes. **Ensino Remoto Emergencial (ERE) Nos Cursos de Graduação da UFMG: ações formativas para as práticas pedagógicas.** Ações formativas para as práticas pedagógicas. 2020. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/prograd/prograd/Pro-Reitoria-de-Graduacao/Publicacoes/Ensino-Remoto-Emergencial>. Acesso em: 01 fev. 2021.

MAIA, Berta Rodrigues; DIAS, Paulo César. **Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19.** Scielo, Campinas, v. 37, p. 1-5, maio 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100504&tIng=pt. Acesso em: 26 jan. 2021.

SILVA, Ana Carolina Oliveira *et al.* **O ensino remoto na percepção discente: desafios e benefícios.** Dialogia, São Paulo, n. 36, p. 298-315, set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/18383/8717>. Acesso em: 31 jan. 2021.

SILVEIRA, Ana Paula; PICCIRILLI, Giovanna Maria Recco; OLIVEIRA, Maria Eduarda de. **Os desafios da educação à distância e o ensino remoto emergencial em meio a pandemia da covid-19.** Revista Eletrônica de Educação, ISE, v. 3, n. 1, p. 114-127, dez. 2020. Disponível em: http://revista.fundacaojau.edu.br:8078/journal/index.php/revista_educacao/article/view/224/132. Acesso em: 01 fev. 2021.

UFMG. **Coronavírus e saúde mental.** 2020. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://ufmg.br/coronavirus/coronavirus-e-saude-mental>. Acesso em: 01 fev. 2021.